
MICRO-HISTÓRIA DE UMA TRADUÇÃO LITERÁRIA NO ACERVO DE ARNO PHILIPP

Micro-History of a Literary Translation at the Arno Philipp Collection

André Luis Mitidieri¹
Miquela Piaia²

RESUMO: No presente artigo, objetivamos firmar um diálogo produtivo entre micro-história e história literária, a partir de dados procedentes do Acervo Literário Arno Philipp (ALAPH). Fundamentada em pesquisa qualitativo-quantitativa, voltada a fontes primárias, com amparo em metodologia bibliográfica, a análise de itens das classes 2 e 3 do mencionado acervo — Correspondências e Publicações na Imprensa — possibilita viabilizar como resultados, e como rastros da própria investigação, uma micro-história das traduções ao alemão feitas por Philipp, entre os séculos XIX e XX, de romances do ficcionista brasileiro José de Alencar, especialmente, *As minas de prata*.

PALAVRAS-CHAVE: Acervos literários; Arno Philipp; José de Alencar; Literatura brasileira traduzida para a língua alemã; Micro-história.

ABSTRACT: In this article, we aim at setting a productive dialogue between Micro-History and Literary History, considering data provided from the *Acervo Literário Arno Philipp* [Literary Collection Arno Philipp (ALAPH)]. Based on qualitative-quantitative research focused on primary sources, with support in bibliographic methodology, the analysis of some items belonging to classes 2 and 3 of the quoted collection — Correspondence and Publications on Press Media — enables as results, and as traces of the own research, a Micro-History concerning to novels written by the Brazilian writer José de Alencar (specially *As minas de prata*) which were translated to German by the Teutonic-Brazilian Arno Philipp between the nineteenth and twentieth centuries.

KEYWORDS: Arno Philipp; Brazilian literature translated to German; José de Alencar; Literary collections; Micro-History.

O confronto entre a especificidade do objeto da literatura e seu alargamento, motivado por questões que tomam a ordem do dia, tais como a interdisciplinaridade e os diálogos do texto literário com demais esferas da cultura, torna-se um dos embates mais significativos com os quais se

1 Professor titular da Universidade Estadual de Santa Cruz.

2 Docente do Instituto Federal Farroupilha, *campus* de Santo Augusto.

envolvem os profissionais em Letras a partir do final dos anos de 1980. Distante do calor da hora em que tais discussões se desenvolvem, Eneida Maria de Souza relembra a necessidade de se promover um entrelace crítico que já ocorria, por exemplo, quando o cânone literário modernista se legitimava por meio de correspondências trocadas entre escritores: “As lições de poesia eram fornecidas por quem não se limitava à sua situação de escritor, convertendo-se em guardião de um programa estético que era necessário preservar” (SOUZA, 2002, p. 86).

Durante os anos de 1960 e 1970, o entusiasmo com a utilização do método estruturalista na análise dos textos literários relega a segundo plano tanto as pesquisas com fontes primárias quanto outras, vinculadas à crítica e à história literária. Entre as últimas décadas do século XX e as primeiras desta centúria, todavia, repensam-se as limitações estruturalistas, bem como certas exclusões, por exemplo, as deterministas ou evolucionistas, impressas nos métodos biográfico e histórico-literário utilizados nos períodos antecedentes. Nos tempos atuais, a forma fragmentária parece adequar-se à elaboração de um pensamento crítico que não deixa de considerar os vestígios da passagem do ser humano pelo tempo: “Citam-se pessoas, textos, fragmentos de teoria, pedaços de frases que permaneceram na memória, como detalhes valiosos para o esboço do perfil intelectual do sujeito que seleciona e recolhe afinidades” (SOUZA, 2007, p. 37).

Identificados com tal espécie de abordagem, os acervos de escritores permitem detectar uma rede formada por critérios literários e extraliterários (ideológicos, políticos, sociais) capazes de determinar a valorização ou não de uma obra, além de constituir “uma espécie de história da crítica nacional e da configuração de suas visões e concepções culturais” (COLLA, 2003, p. 61). O trabalho do escritor, revelado como atividade em progresso, composta por borrões e rasuras, tem um dos seus modelos na correspondência entre Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Tarsila do Amaral que, depositada no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP), registra os questionamentos desses intelectuais e as reformulações de seus processos criativos (Cf. FONSECA, 2003, p. 98). Outros exemplos encontram-se na Fundação Casa de Rui Barbosa e no Instituto Moreira Salles, do Rio de Janeiro, bem como no Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP) da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (*Campus* de Assis).

Com base em experiência desse tipo, adquirida durante participação em projetos de pesquisa vinculados ao Centro de Memória Literária da

PUCRS,³ reunimos e selecionamos traços documentais encontrados no Museu Histórico de Panambi, antiga colônia Neu Württemberg. Esses vestígios do passado transcendem as especificidades históricas, dizendo respeito a um agente cultural, deputado, jornalista e tradutor teuto-brasileiro. A necessidade de manutenção, guarda e futura disponibilização do material que, antes restrito à ciência histórica, se estende aos campos da biografia e da história da literatura, resulta no Acervo Literário Arno Philipp (ALAPH), mantido na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, *campus* de Frederico Westphalen (URI-FW).⁴

A existência desse acervo não se justificaria por meio do que supomos ser o único trabalho especificamente literário escrito por Philipp: “Festgedicht zur Uebergabedes Jubileums denkmalzur Erinnerung an die Jahrhundertfeier der Einwanderung der ersten Deutschen in Brasilianischen Staat Rio Grande do Sul”⁵ (ALAPH 15b001-25). A importância do material acervado, entretanto, reside em elementos auxiliares à história da literatura brasileira, como o artigo biográfico de Klaus Becker (ALAPH 03c001-1955) — “Ten. Cel. Arno Philipp”⁶ — publicado no *Correio do Povo* a 19 de novembro de 1955, por ocasião dos 25 anos de falecimento desse imigrante nascido na Saxônia em 1870.

Membro do *Deutsche Zeitung*, jornal alemão mais antigo da América do Sul, Philipp se empenharia em prol de um intercâmbio cultural entre brasileiros e germânicos, exemplificado por suas traduções do romance *Inocência*, escrito pelo Visconde de Taunay, e das seguintes narrativas do escritor cearense José de Alencar:

3 O Centro de Memória Literária da PUCRS passa a ser denominado Espaço de Documentação e Memória Cultural (DELFO) no ano de 2007.

4 O ALAPH conta com sete das 15 classes documentais previstas no Manual de organização do Acervo Literário Erico Verissimo, primeiro número dos *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS* (BORDINI, 1995, p. 5-16; p. 49-110), eleito como guia operacional desta pesquisa: 2. Correspondência; 3. Publicações na Imprensa; 4. Esboços e Notas; 6. Audiovisual; 7. *Memorabilia*; 13. Biblioteca; 14. Vida; 15. Obra. As cartas e os artigos jornalísticos aqui citados ou transcritos tiveram sua grafia atualizada e procedem das classes 2 e 3 do acervo, sendo indicados pela correspondente numeração de catálogo (Cf. PIAIA; MITIDIERI, 2011).

5 “Poema comemorativo ao Centenário da chegada dos primeiros imigrantes alemães ao estado brasileiro do Rio Grande do Sul”.

6 A mesma matéria havia sido veiculada no dia 06 de novembro de 1955 em língua alemã no jornal *Deutsche Nachrichten*, com o título “*Arno Philipp zum Gedächtnis*” (ALAPH 03d003-1955). Esse artigo compõe a classe 3 do ALAPH (Publicações na Imprensa), a qual compreende 22 itens, divididos nas categorias: 3a – de autoria de Arno Philipp, em português; 3b – também de sua autoria, em língua estrangeira; 3c – sobre Arno Philipp, em português; 3d – igualmente a seu respeito, em língua estrangeira.

[...] *As minas de prata, O tronco do ipê, Cinco minutos e A viuvinha*. Só o primeiro romance foi editado, em três volumes, pela Editora Rotermund e Cia., de São Leopoldo. As outras traduções acham-se dispersas nos diversos jornais e almanaques da época. Arno Philipp escreveu ainda vários trabalhos em língua alemã, como sejam novelas, contos humorísticos, contos para crianças e sobre motivos folclóricos brasileiros com o fim especial de tornar conhecido, também na Alemanha, parte do rico acervo folclórico de nosso País. Por estas atividades merecidamente recebeu várias honras e diplomas, tanto de instituições culturais nacionais e estrangeiras. (ALAPH 03c001-1955)

Em artigo publicado no *Diário de Notícias* de Porto Alegre a 27 de março de 1959, Klaus Becker (ALAPH 03c002-1959) escreve sobre as visitas do governante estadual Júlio Prates de Castilhos, no começo do século XX, a terras colonizadas por imigrantes alemães no Rio Grande do Sul: “Nestas viagens Arno Philipp era a pessoa mais indicada para expor ao Presidente [do estado] os problemas da zona de colonização alemã”. O historiador também informa que, durante a Revolução Federalista, a maioria dos moradores da zona de colonização alemã fez oposição ao governo. Único jornal em língua alemã a se manter independente, o *Deutsche Zeitung* muitas vezes apoiou as medidas governamentais. Tal posicionamento se devia, em especial, ao trabalho de redator-chefe desempenhado por Philipp.

Em 11 de janeiro de 1970, Becker publica “Centenário de Arno Philipp” (ALAPH 03c003-1970) no jornal *Correio do Povo*,⁷ de Porto Alegre (RS), destacando que o jornalista analisava fatos nacionais e estrangeiros para transmiti-los aos leitores, pois a maioria deles, de precária instrução, residia no interior do estado. Em apreciações de música sacra e contemporânea, como as editadas n^a *Federação* e no *Deutsche Zeitung*, Philipp sublinhava as composições do padre José Maurício Nunes, buscando explicar “a alma” das literaturas e culturas germânica ou brasileira. O articulista volta a realçar as traduções feitas pelo cidadão teuto-brasileiro de obras romanescas produzidas por Taunay e José de Alencar.

A 3 de novembro de 1980, no jornal de Panambi (RS) denominado *A Notícia Ilustrada*, Eugen Leitzke (ALAPH 03c005-1980) edita

7 O mesmo artigo encontra publicação no *Brasil-Post* do dia 14 de fevereiro de 1970, com o título de “*Hundertsten: Geburtstag von Arno Philipp*” (ALAPH 03d008-1970). Esse jornal foi fundado em 1950, por 103 alemães radicados no Brasil. Entretanto, já desde a sua fundação, a equipe do periódico compôs-se também por brasileiros de origem germânica.

“Cinquentenário da Morte de Arno Philipp”, homenagem na qual afirma que o tradutor divulgou o melhor repertório da literatura brasileira na Alemanha para os imigrantes dessa nação estabelecidos no Brasil e em outros países de fala germânica. O artigo chama a atenção para o material cedido ao articulista por Hans Oscar Philipp, filho do cidadão teuto-brasileiro homenageado: “[...] alguns fascículos que contêm cópias de correspondências trocadas entre Arno Philipp e próprio Visconde de Taunay e Mario de Alencar, também escritor, filho do grande mestre da literatura [...] que é José de Alencar” (ALAPH 03c005-1980).⁸

A informação prestada nos artigos de Klaus Becker (03c001-1955, 03c003-1970, 03d003-1955) e Eugen Leitzke (03c005-1980) confirma-se na carta em que Arno Philipp (ALAPH 02a001-25) se apresenta a Mário de Alencar como o responsável pelas traduções d’*O tronco do ipê* e de *Cinco minutos* que, realizadas em 1894, circularam em folhetim do *Deutsche Zeitung* até 1895. Philipp dizia haver muitos pedidos para tiragens em livro e que publicou duas edições da tradução de *Inocência*, do Visconde de Taunay, editada também clandestinamente na Alemanha. Ao comunicar que recentemente tinha acabado a tradução d’*As minas de prata*, compara essa obra literária ao *Conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas pai:

Quanto ao largo descortino e enredo espirituoso cheio das mais surpreendentes combinações, com a grande diferença a favor da obra brasileira, de inserir a esta um profundo valor cultural e histórico — terminada, digo, a tradução desse grandioso romance brasileiro, tive uma oferta da casa editora do diário *Deutsche Post*, de São Leopoldo, que pretende publicá-lo em folhetim, e, em seguida, numa edição de experiência — 500 a 1000 exemplares — em volume. V. Exa., conhecedor do nosso meio literário e editorial, me acreditará quando afirmar que não viso fins mercantis, com essa publicação, nem os editores arriscariam os seus cobres. Tudo o que pude conseguir é a promessa de alguns exemplares gratuitos, e de um diminuto número de livros da livraria mantida pela dita firma. Tenho, porém, em vista, posteriormente, uma edição na Alemanha,

8 50 missivas compõem a classe 2 (Correspondências) do ALAPH, distribuídas nas categorias 2a – enviadas por Arno Philipp; 2b – recebidas por Arno Philipp; 2c – enviadas por seus familiares, a seu respeito; 2d – recebidas por seus familiares e também a seu respeito; 2e – trocadas por terceiros, sobre o mesmo sujeito. Se as cartas acerca das produções literárias do Visconde de Taunay envolveram apenas esse escritor, as que se referem à obra de José de Alencar e suas traduções ao alemão foram trocadas com o filho e o neto do romancista: respectivamente, Mário de Alencar e Ivo de Alencar.

com mais largas perspectivas de divulgação. Se esta possibilidade se realizar, terei a honra de recorrer novamente a V. Exa. para ulteriores combinações, pois, é provável que então se possa tirar algum proveito material. (ALAPH 02a001-25)

O tradutor afirma seu intuito de contribuir ao incremento do círculo daqueles que conheciam e admiravam Alencar, para mostrar aos estrangeiros que os brasileiros também possuem cultura própria e digna de apreço no terreno da literatura:

Com estes intuitos, tomo a liberdade de recorrer à bondade de V. Exa., como filho do grande escritor, pedindo se digne conceder licença para a referida publicação, em livro, do romance ‘As minas de prata’ e, se ensejo houver para tal, das outras obras do mesmo autor, já traduzidas por mim, e que porventura vierem a ser traduzidas ainda [...] Sobre a minha idoneidade, como tradutor, qualquer dos dirigentes de jornais e revistas de língua germânica, de S. Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, Blumenau, Porto Alegre e São Leopoldo, está habilitado a dizer, tendo eu à disposição de V. Exa., muitos recortes dos respectivos jornais que se manifestam, a meu respeito, da maneira mais lisonjeira. Refiro-me ainda, como fonte de informação, ao ilustre homem de letras pátrias, Dr. Affonso de Taunay, filho do Visconde de Taunay e diretor do Museu Paulista, com quem, há largos anos, mantenho amistosas relações epistolares. Aguardando o grato pronunciamento de V. Exa., prevaleço-me da oportunidade para apresentar a V. Exa. os protestos da minha mais distinta consideração, estima e admiração. (ALAPH 02a001-25)

Na resposta a Philipp, Mário de Alencar recebe com grande satisfação a notícia de que o romance *As minas de prata* havia sido traduzido para a língua alemã. Na oportunidade, menciona que, havia cerca de um ano, uma escritora americana de passagem pelo Ceará pediu licença para publicar uma tradução de *Iracema*, mas ele sugeriu que traduzisse *As minas de prata*, obra literária mais adequada ao público estrangeiro. A tradução realiza seu antigo anseio de que os estrangeiros leiam o romance, em sua opinião, o mais característico dos talentos do pai, por abranger, “[...] em sua complexidade, as expressões e a suavidade do idílio, a força da tragédia, o dom de narrar, de descrever, o engenho de figuração dos personagens e o poder de evocar a vida colonial e primitiva do Brasil” (ALAPH 02b037-25).

O correspondente afirma pouco lembrar-se da língua alemã que aprendera no colégio Dom Pedro II, tendo esperança de reaprendê-la nas traduções dos romances *As minas de Prata*, *O tronco do ipê* e *Cinco minutos*, quando publicadas em livro, ou antes, em folhetins do *Deutsche Post*, no qual deve circular a primeira delas: “Se não fosse tão antiga a publicação dos outros no *Deutsche Zeitung* e, conseqüentemente, muito difícil haver a reunião de todos os exemplares do jornal, eu me animava a pedir-lhe o favor de me honrá-lo com a oferta [...]” (ALAPH 02b037-25). O missivista pede informações sobre outras obras literárias de Alencar publicadas em alemão, pois tem conhecimento de que apenas foram traduzidas a essa língua: *Iracema* (em verso); *Ubirajara* e *O Guarani*.⁹ Quanto à autorização para traduções, afirma ser desnecessária, pois a obra alencarina era de domínio público desde 1887. Mário de Alencar também agradece por torná-la acessível ao público alemão e, como prova de seus méritos quanto à fidelidade ao original, cita a tradução que Arno Phillip realizou de *Inocência*, segundo o que ouviu a respeito.

Em outra correspondência do mesmo ano, Mário de Alencar (ALAPH 02b038-25) agradece pela solicitude e a presteza com que Arno Philipp buscou informações para responder aos questionamentos constantes em sua carta do dia 27 de abril. Em seguida, comenta que a tradução de *O Guarani* à qual fez referência não deveria ser aquela publicada em folhetim no *Blumenauer Zeitung*. Como o exemplar foi extraviado e esqueceu o nome do tradutor dessa obra literária, publicada em dois volumes na Alemanha, não pôde encomendar nova edição ou citá-la na bibliografia alencarina. Ele pergunta se por acaso se trata de uma tradução efetuada pelo major Maximiliano Emerich, pois esse havia solicitado a seu pai, em 5 de dezembro

9 Na mesma correspondência, Mário de Alencar (ALAPH 02b037-25) comunica que não havia adquirido a tradução d’*O Guarani* ao alemão porque não sabia o nome do tradutor para procurá-la. Convém informar que a recepção de traduções a essa língua dos romances alencarinos *O Guarani*, *Iracema* e *Ubirajara* é estudada por Ingrid Schwamborn (1990). Além de igualmente tradutora *Iracema* ao alemão, a pesquisadora havia se voltado àquele conjunto romanesco em investigação anterior, denominada *O guarani era um tupi?* Sobre os romances indianistas de José de Alencar (SCHWAMBORN, 1987). Por seu turno, Wiebke Röben de Alencar Xavier vem desenvolvendo desde 2008, na Universidade Federal da Paraíba, o projeto “As traduções de José de Alencar: uma *histoire croisée* transatlântica”. Fábio Cecchetto (2010) menciona as traduções de *Iracema*, feitas por Christa von Düring e Arno Philipp, respectivamente publicadas em 1896 e 1897, assim como as de *As minas de prata*, pelo mesmo Philipp, e *Ubirajara*, por Bernhard Heinke. A bibliografia de Klaus Küpper (2012) elenca os livros brasileiros publicados em tradução alemã, desde o início de nossa produção escrita, até 2012. Informações acerca de outras traduções de livros do escritor cearense podem ser encontradas na página da Casa José de Alencar: <<http://www.cja.ufc.br/images/pdf/bibliografiaalencarina.pdf>>.

de 1872, autorização para publicar a que ele teria feito ou uma outra, talvez publicada pela casa Otto Janke.

Constatando a existência de três traduções d'*O Guarani* para o alemão, o correspondente agradece pelo envio do exemplar de *Garatuja* e informa seu endereço no Rio de Janeiro, além de contar que passou um tempo em Teresópolis devido à enfermidade do filho e da esposa, a qual não havia melhorado de saúde, dificultando a produção de seus trabalhos literários. Entretanto, isso não o impediria de redigir o texto introdutório à tradução do romance *As minas de prata*. Ao ler novamente essa narrativa para cumprir a tarefa solicitada, deparou-se com um erro tipográfico do original que teria escapado à revisão do escritor:

É à página 177 do primeiro volume, edição Garnier de 1877: 'Passado o primeiro momento de estalamento...', hão de sentir claro aí, penso que houve troca ou omissão de letras nessa palavra, que deve ser 'entalamento' ou 'estatalamento', parecendo-me melhor a segunda conjectura. (ALAPH 02b038-25)

Em outra correspondência, como agradecimento pelo envio de *Garatuja*, Mário de Alencar (ALAPH 02b013-25) informa a Arno Philipp que o presenteará com um livro seu e dois de seu pai, *Iracema* e *Diva*, editados com prefácio da própria autoria pelo *Anuário do Brasil*. Se o amor à obra de Alencar originou a correspondência entre os dois, parece-lhe que a lembrança paterna pode encarecer o pequeno presente e a intenção de apreço e reconhecimento. Ademais, diz aguardar ansiosamente a tradução d'*As minas de prata* em folhetim da *Deutsche Post*, de São Leopoldo (RS). Como deseja acompanhá-lo dia-a-dia, pede para ser informado sobre o valor da assinatura e a data de início de sua circulação.

O missivista afirma já haver traçado as primeiras linhas do intróito à tradução e lamenta por não terminá-lo, devido a circunstâncias desfavoráveis; espera conseguir uns dias de sossego, sem interrupção de nenhuma moléstia ou de outras importunações. Ele se mostra surpreso ao saber que o tradutor não era brasileiro como imaginava, devido às cartas em português tão bem escrito, com fluência melhor do que muitos nativos: possuindo a língua, Philipp teria "a alma da terra que o adotou e se manifestava em sua expressão perfeita" (ALAPH 02b013-25); compreende e admira a simultaneidade de duas pátrias na mesma pessoa, o que engrandece sua admiração e estima.

Em 12 de setembro de 1925, Mário de Alencar (ALAPH 02b014-25) envia o prólogo da edição em língua alemã d'*As minas de prata*, salientando

que o texto fora escrito em condições que não permitiram fazê-lo digno da tradução e dos desejos do autor. Seguem fragmentos elucidativos do referido prefácio:

A escolha de ‘As minas de prata’ para uma tradução em língua radicalmente estranha ao português e o paciente e o longo saber que representa a simples escrita dos seus três alentos volumes, revelam no tradutor deste romance a inteligência e o amor da obra de José de Alencar, e conseqüentemente a sua particular aptidão para o empreendimento; e pelo que pude, em cartas dele, apreciar de seu critério e da sua expressão literária, não receio enganar-me afirmando aos seus leitores alemães que deve ser ótima esta tradução. AS MINAS DE PRATA, embora não seja uma das obras primas de José de Alencar, qual é O GUARANI, no romance, IRACEMA, na poesia, e MÃE, no drama, é todavia o livro mais característico da vocação, do engenho, dos dons e dos recursos, e até das falhas e excessos deste escritor brasileiro. É a mais completa das suas obras, e a que melhor define sua capacidade de romancista sob o aspecto do talento arquitetônico, quero dizer, o talento de idear, traçar, buscar, erigir, dividir e tracejar a composição do romance, com a ciência e arte do equilíbrio, solidez e resistência semelhantes às da construção de edifícios [...]

O tradutor de *Minas de Prata*, conhecedor, melhor do que eu, do público alemão, confia no efeito que produzirá a leitura desta tradução. Pois o gênio de José de Alencar (disse-me ele em carta) é dos dentre os escritores brasileiros o que mais fala ao coração e espírito dos alemães, no seu ‘*Gemüt*’, vocábulo tão intraduzível como o vernáculo ‘saudade’, e que abrange o conjunto das vibrações de sentimentalismo moral, feridas em toda a extensão e potencialidade da escola emotiva. O que o gênio de Alencar dá particular afinidade com a alma alemã é a sua forte veia de ‘humor’ empolgante e soberano que transparece através as suas preciosas paginas, dourando as situações e enleando o espírito teutônico. Nessas palavras escritas em português vernáculo pela pena de um alemão nato, transparece a condição excepcional em duas línguas; e no caso, duas línguas entre si fundamentalmente diversas [...] Graças à sua habilidade, o leitor alemão sentirá interesse, sem estranheza, pela sociedade colonial do Brasil no começo do século XVII, em que se desenrolam as cenas principais de

Minas de Prata, e acompanhará com toda a alma o fio entretecido dos vários acontecimentos que fazem a trama complexa do enredo do romance, na verdade cinco romances entremeados em um, e concorrendo todos para a intensidade da expectativa e relevo do desfecho [...]. (ALAPH 02b014-25)

Já em mais uma carta, Mário de Alencar (ALAPH 02b015-25) cita, dentre as ocupações adiadas, o reaprendizado do alemão por meio da tradução d'*As minas de prata* nos folhetins da *Deutsche Post* solicitados ao editor e recebidos regularmente, com exceção de alguns. O correspondente diz ter vacilado ao enviar seu livro *O que tinha de ser*; adverte que Philipp não pense na remessa como insinuação de querê-la traduzida. Como isso lhe daria mais trabalho, pede que desista da ideia, pois se contentaria apenas com o valor dado ao presente. Ele ressalta que se alegrou com a publicação de sua carta no *Diário de Notícias*, pois assim se fizeram conhecidos seus sentimentos em relação ao tradutor. Quanto ao retrato do pai, solicitado para acompanhar o texto traduzido daquele romance, sugere o mesmo que saíra na edição de *Iracema* do *Anuário do Brasil* e encerra a carta desejando votos de restabelecimento da saúde do destinatário.

O missivista (ALAPH 02b015-25) revela-se bastante confuso com as cartas recebidas de Philipp, encontradas em sua mesa de escritório. Entre elas, achou uma que recordava já ter lido, mas ainda fechada, e com o carimbo “Aberto pela censura”, do dia 28 de setembro. Atribui esse fato ao problema de memória que tinha sofrido, em consequência de cansaço, pois nos últimos dois meses, sofreu dois grandes golpes e um forte abalo, sem contar as moléstias de família. O abalo foi o acidente de automóvel de seu irmão e os golpes, as notícias de que seus amigos da Academia, Alberto Faria e Domício da Gama, tinham morrido.

Em carta enviada para Arno Philipp no ano seguinte, Ivo de Alencar (ALAPH 02b016-26) afirma que, abatido pelo golpe sofrido por ele e por sua família, deseja expressar o reconhecimento e a simpatia pela prova de afeição a seu pai, revelada no discurso necrológico que Philipp gentilmente lhes enviara. Contesta, porém, um trecho do texto que os deixou bastante surpresos: aquele que fala sobre dissabores do falecido nos últimos tempos de sua vida, dentro do lar. O correspondente atribui isso ao fato de o tradutor possuir informação errônea de pessoa, que o teria confundido com outro Alencar, pois seu pai teve sempre completa felicidade dentro de casa; muito sensível, qualquer choque ou sofrimento o abatia, como as mortes de Alberto Faria e Domício da Gama.

Ivo de Alencar fala da tradução d'*As minas de prata* para o idioma de Goethe, a qual muita alegria causou para todos os que ainda tomaram

conhecimento da promessa de uma futura tradução do livro *O que tinha de ser*, de Mário de Alencar. Ele agradece em nome de sua mãe e dos cinco irmãos, além de comentar que já tratava da reedição de diversos livros do pai e da publicação de muitos inéditos dele, dentre os quais, afirma ter preparada a novela *Flor do campo*. Ao fim da carta, solicita mais dois exemplares de *A Federação* contendo o discurso de Philipp e cita o poema “Ó coração, bates tão forte!”, escrito pelo pai, pouco antes de morrer.

Na resposta a essa carta, Arno Philipp (ALAPH 02a003-26) reclama do correio do Distrito Federal, por ter entregado com três meses de atraso os exemplares d’*A Federação* que traziam o mencionado discurso necrológico:

Enfim, chegou! E mil agradecimentos pelos termos gentis e honoríficos que dispensas ao meu tosco trabalho, cujo valor só pode residir na sinceridade dos sentimentos que o conceberam, da profunda admiração que votei, como voto a seu saudoso Pai, e do sentido pesar que me invade a alma, sempre que, com nostalgia, me recordo da convivência espiritual com esse coração [?] e eleito e essa inteligência superior — convivência que, infelizmente, tão poucos meses logrou durar. Sérias recriminações a mim mesmo faço por ter deixado passar, sem maior reflexão, o tópico da minha elocução que V.S. justamente estranhou. Ao proferir as palavras referentes a ‘graves dissabores dentro do seu lar’, tive apenas em mente o que o Dr. Mário me escrevera sobre casos de moléstia no seio de sua família que muito o inquietavam, e sobre a morte de dois dos seus mais queridos amigos. Estas faltas me puseram sobre os lábios aquela expressão pouco feliz, com a qual, naturalmente, longe estava eu de querer aludir ao que propriamente se pode chamar dissabores e via lareira. Peça desculpas pela falta de jeito e de madura pesagem do valor dos termos que em dado momento me acometera; tratarei de expurgar e retificar o respectivo trecho, antes que passe ao corpo dos Anais da Assembleia. (ALAPH 02a003-26)

Philipp (ALAPH 02a003-26) comenta que havia percebido a sensibilidade de Mário de Alencar em suas cartas, pessoa delicada, exemplo de chefe de família, amigo dedicado, do qual deseja conseguir informações biográficas:

Sempre afaguei eu a doce esperança de vir a conhecer pessoalmente ao Sr. Dr. Mário e pairava-me risonha e sedutora

diante do espírito a ideia de uma oportunidade propícia e rara, que me permitisse combinar a realização dessa e de outras aspirações, como seria uma temporada, no Rio, de uma Comp. de Óperas de Wagner, ou de uma orquestra de fama (*Weingartner*), para então fazer uma visita ao Rio, que há 31 anos não vi mais, desde que, de regresso de minha primeira e única viagem à minha pátria natal, a Alemanha, convivi aí durante alguns dias com o grande Visconde de Taunay, cuja clássica novela sertaneja *Inocência* traduzira em 1893, obtendo naquela ocasião do seu autor licença para editá-la em livro [...].

O tradutor deseja que a edição e reedição das obras do filho de José de Alencar tragam o reconhecimento merecido ao talentoso escritor que, “em vida, por excesso de modéstia e inato retraimento, peculiar a tantas almas de escol e nobreza intrínseca, não conseguiu impor-se à admiração geral no elevadíssimo grau que merecia. Questão de força de cotovelos e de laringe, e não de méritos” (ALAPH 02a003-26). Ademais, ele informa que o folhetim d’*As minas de prata* no *Deutsche Post* anda quase pela metade, despertando entusiasmo e admiração por José de Alencar. Pronto para circular em forma de livro, o primeiro volume dessa narrativa traduzida à língua alemã conta com prefácio do Dr. Mário em português, seguido de ligeiro julgamento crítico naquele idioma.

Philipp promete remeter um exemplar do esperado texto para Ivo de Alencar, quando o tiver em mãos, e confirma o intuito de traduzir *O que tinha de ser*, fato a depender apenas do seu precário estado de saúde:

[...] — negócio de nervos — que me tem obrigado já a procrastinar tantos outros planos literários. A última poesia de seu Pai, ‘Ó coração, bates tão forte!’, li-a com inefável comoção, admirando ao mesmo tempo a beleza dos conceitos poéticos e a espontaneidade com que a seu autor se ofereciam as plásticas onomatopeias da forma, como a apurada delicadeza de uma vibratilidade sentimental que, através de uma tão máscula resignação e soberana calma de espiritualidade, soube encarar e preconceber o desenlace final. Sinto não poder corresponder por completo ao seu desejo de obter mais dois exemplares da *Federação*, e do *Correio do Povo*, este com a crônica burilada pela cintilante pena de Jorge Jobim. Não consegui os respectivos números, apesar de insistência. Entretanto, folgo em ceder-lhe o exemplar de *Federação* que guardara para mim, mas que bem posso dispensar em vista da

breve saída do volume dos *Anais da Assembleia*, concernente à gestão de 1925, e que compreenderão o meu discurso. Finalizo, reiterando a expressão dos meus penhorados agradecimentos a V.S. e demais pessoas de sua Exma. família pela sua cativante carta, que cordas tão simpáticas e harmoniosas soube ferir dentro do meu íntimo, carta que, de mais a mais, indescritivelmente reflete o mesmo belo espírito que me transluzia por entre as magníficas palavras das epístolas de seu inesquecível Pai. Creia-me ser seu Sincero admirador cordial apreço, Arno Philipp. (ALAPH 02a003-26)

Na correspondência travada entre Arno Philipp e a família Alencar, as últimas cartas (ALAPH 02a003-26, 02b015-25, 02b016-26) recorrem a confidências pessoais, bem como a comentários de ordem estética e cultural. Na segunda de tais missivas (ALAPH 02b015-25), a questão política se alia a assuntos de ordem pessoal que auxiliam a comprovar:

Cuidar de si, pelo exercício da escrita, processa o esvaziamento da interioridade, ao tornar pública uma experiência socialmente legível. A escrita do *eu* refere-se ao *nós* do grupo, ao plural de uma época e a um determinado lugar histórico onde são produzidos os saberes e através do qual circulam as ideias. Jogos de linguagem que propiciam a troca de pronomes e de bens culturais entre os interlocutores, estabelecendo o vínculo social entre eles (SOUZA, 2007, p. 20).

Essas e outras cartas (ALAPH 02b013-25, 02b015-25, 02b038-25, 02b016-26) mencionam o envio de obras literárias a Arno Philipp, algumas delas, como símbolo de apreço, por parte da família Alencar, e em retribuição às traduções feitas pelo cidadão teuto-brasileiro. Dentre as obras literárias referidas em tais missivas, as seguintes constam na classe 13 do ALAPH, denominada Biblioteca: *O que tinha de ser*, de Mário de Alencar; *Diva* (perfil de mulher) e *Iracema*, escritas por José de Alencar. Os itens mencionados delatam estratégias que à época se destinavam à conquista de público para a literatura, tais como as participações dos escritores em jornais e periódicos: *Blumenauer Zeitung*, *Deutsche Post*, *Deutsche Zeitung*, *Diário de Notícias* e *A Federação*. Assim, a princípios do século XX, o tradutor de *Inocência* e *As minas de prata* pôde atestar o progresso da cultura letrada no Brasil: “Avanço tanto mais notável quanto mais recente era a inauguração da imprensa, que permaneceu por muito tempo ociosa ou subutilizada, dada a existência de qualquer projeto de secundá-la com as providências

complementares para a formação de leitores” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2002, p. 121).

No entanto, a correspondência entre Arno Philipp, Mário de Alencar e Ivo de Alencar, embora forneça dados de interesse individual e político-cultural, mais contribui para com uma história das traduções de obras literárias do escritor brasileiro José de Alencar à língua alemã, fato do qual tomamos conhecimento depois de lermos os documentos depositados no ALAPH. O desembaraço dessa história lacunar possibilita-nos compor um relato situado na órbita da micro-história, desde que passamos a rastrear a prova material da tradução d’*As minas de prata*, até então, inexistente no referido acervo. A pertinência do método micro-histórico (Cf. GINZBURG, 1989, 2002, 2007) confirma-se por intermédio da perseguição aos indícios que provam sua realização, bem como através de uma reduzida escala de observação, que concerne tanto ao aspecto material (pequeno número de itens consultados) quanto ao cronológico (anos de 1925 e 1926).

No primeiro desses anos, Arno Philipp (02a001-25) informa haver traduzido *Cinco minutos* e *O tronco do ipê*, romances publicados entre 1894 e 1895 no jornal *Deutsche Zeitung*, o qual esteve sob a sua direção entre 1893 e 1917. O tradutor também dá ciência de que o diário *Deutsche Post* de São Leopoldo queria promover a edição d’*As minas de prata* em folhetim e em seguida como livro, de forma experimental, numa edição pequena. Em carta datada de 27 de abril do mesmo ano, Mário de Alencar (ALAPH 02b037-25) comunica que os romances *O Guarani*, *Iracema* e *Ubirajara* também foram traduzidos ao alemão. Em outro item, do dia 26 de junho (ALAPH 02b038-25), o mesmo correspondente reporta-se à existência de três traduções d’*O Guarani*: uma publicada em folhetim na *Blumenauer Zeitung*; outra em dois volumes publicados na Alemanha pela editora Otto Janke; uma possível tradução feita por Maximiliano Emerich.

Klaus Becker (ALAPH 03c001-55) lista os seguintes romances de Alencar entre os traduzidos por Philipp: *Cinco minutos*; *As minas de prata*; *O tronco do ipê*; *A viuvinha*. A julgar nem tão somente por esse artigo de Becker, mas também por outros dados colhidos na mesma classe (3. Publicações na Imprensa) do ALAPH, as obras literárias *O Guarani*, *Iracema* e *Ubirajara* não foram traduzidas pelo cidadão teuto-brasileiro. Por seu turno, a narrativa romanesca *A viuvinha*, de José de Alencar, nunca é mencionada na segunda classe (Correspondência) do mesmo acervo.

Assim, o pequeno número de artigos e cartas selecionados do ALAPH, inseridos em período bastante curto, revelam em primeiro momento uma história das traduções de narrativas alencarinas ao alemão, realizadas por Arno Philipp. Ao reduzirmos ainda mais o foco de análise, assistimos à configuração de uma micro-história, quando o conjunto desta pesquisa cede

espaço a apenas um dos romances traduzidos que o integram: *As minas de prata*. Ao rastreamos especificamente o seu percurso tradutório nas cartas enviadas por Mário de Alencar, notamos que esse menciona a espera da tradução em folhetim publicada no *Deutsche Post* de São Leopoldo (ALAPH 02b013-25) e remete, para futura publicação (ALAPH 02b014-25), um prefácio ao trabalho efetuado por Philipp, conforme havia prometido.

Esse testemunho alia-se a outro mais quando aquele correspondente (ALAPH 02b015-25) afirma receber o folhetim no qual teria circulado a tradução. O trânsito dos documentos aos testemunhos e vice-versa parece terminar no momento durante o qual o tradutor (ALAPH 02a003-26) informa a Ivo de Alencar que a edição seriada em língua alemã d'*As minas de prata* está quase pela metade e o primeiro volume para publicação em livro, finalizado. Também poderíamos dar o assunto por encerrado ao cumprirmos um dos pré-requisitos para a validação de um trabalho histórico a partir de seus vestígios: o confronto entre diversas óticas, ou seja, através da construção de “uma série que inclua pelo menos dois documentos” (GINZBURG, 2007, p. 214).

Entretanto, recorremos ainda à pesquisa de René Gertz (2002) cujas fontes abundantes confirmam que a editora Rotermund publicou *As minas de prata* em alemão. Procuramos não certificar a tradução da obra literária de Alencar, feita por Arno Philipp, nem ao único testemunho desse sujeito, nem ao prefácio à publicação, realizado por Mário de Alencar e anexado a uma carta sua para o tradutor (ALAPH 02b014-1925). Ocorre que, numa investigação histórica, a construção narrativa “não é incompatível com a prova; a projeção do desejo, sem o qual não há pesquisa, não é incompatível com os desmentidos infligidos pelo princípio de realidade. O conhecimento (mesmo o conhecimento histórico) é possível” (GINZBURG, 2002, p. 45).

Sabendo de antemão que um exemplar traduzido d'*As minas de prata* para a língua alemã desaparece do Museu e Arquivo Histórico de Panambi (Cf. PIAIA; MITIDIARI, 2013, p. 264-265) ao começarmos nossos trabalhos, tentamos sem sucesso atestar a sua existência física por meio de fotografias constantes na classe 06 (Audiovisual) do Acervo Literário Arno Philipp e de eventuais registros nos itens que formam sua classe 13 (Biblioteca). Com apoio nos métodos da micro-história, buscamos, pois, explorar intensivamente a documentação disponível e reduzir a escala de observação, o que equivale a “transformar num livro aquilo que, para outro estudioso, poderia ter sido uma simples nota de rodapé [...]” (GINZBURG, 2007, p. 264).

Aprendemos com os micro-historiadores que o trajeto de uma micro-história nunca se mostra linear, mas entrecortado, intervalar, entrecruzado por

elementos que fogem ao controle e ao rígido planejamento. Dessa maneira, no desenrolar da presente investigação de cunho bibliográfico que, como tal, não pressupunha qualquer tipo de entrevista, travamos contato inesperado com Hugo Philipp, neto do tradutor de Alencar. Na coleção documental de sua propriedade, encontramos outro exemplar d'*As minas de prata* em alemão, como aquele antes extraviado ao início desta pesquisa. O volume por fim encontrado reitera nosso testemunho inicial e opera como prova da tradução que, realizada pelo cidadão teuto-brasileiro, é mencionada em vários itens das classes 2 (Correspondência) e 3 (Publicações na Imprensa) do ALAPH:

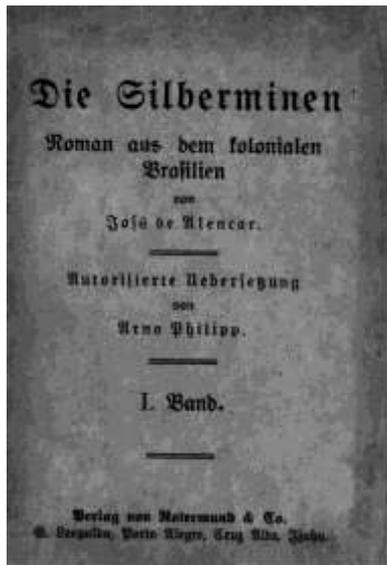


Fig. 1. Fotografia da portada de *Die Silberminen* [*As minas de prata*] dividida em três partes, e a levar como subtítulo “Romance do Brasil Colonial”.

Acompanhado daquele prefácio escrito por Mário de Alencar, o trabalho do tradutor e as informações a seu respeito constituem dados periféricos, pormenores muitas vezes desprezados pela história da literatura brasileira. Ao deporem sobre reações do público leitor e ao serem observados de perto, numa análise de tipo microscópico, tais detalhes ajudam a indicar que, entre os motivos gerais da tradução d'*As minas de prata*, e de outras narrativas produzidas por José de Alencar para a língua alemã, não podemos

deixar de lado elementos que ligam o fenômeno literário à cultura e à sociedade, como o fato de Affonso Taunay e Mário de Alencar fazerem parte da Academia Brasileira de Letras, atuando num sistema literário consolidado, a partir do qual, incentivaram o trabalho de Philipp em prol das obras de seus respectivos pais. Além disso, pesam fatores extraliterários, como as ligações desses três intelectuais com o Partido Republicano, e os posicionamentos do Visconde como legislador, favoráveis à criação de colônias alemãs no Brasil (Cf. TAUNAY, 1889).

Tais atitudes parecem não colidir com os mecanismos responsáveis por afirmar o cânone da literatura nacional, dentre os quais se encontram as investigações com fontes primárias que, entretanto, não decorrem linearmente porque delas podem surgir outras unidades, outras fontes, num ir e vir estabelecido pela ordem que requerem e pelo próprio interesse do pesquisador. É desde o reconhecimento de sua importância na constituição da memória de alguém ou de algum evento que os acervos literários são formados, estruturando-se por uma diversidade não hierárquica. O pesquisador consciente da heterogeneidade documental deve ultrapassar a barreira da centralidade e buscar a arbitrariedade que as fontes documentais podem fazer surgir, como acontece quando, ao examinarmos a coleção de Hugo Phillip, em busca da tradução do romance alencarino *As minas de prata*, deparamo-nos com novelas escritas por Arno Philipp, intituladas *Drei Bagatellen* (*As três bagatelas*) e publicadas na cidade alemã de Dresden.

Com essa descoberta, o cidadão teuto-brasileiro entra na presente investigação como tradutor, mas dela sai como mediador de leitura e autor, demonstrando que uma pesquisa também se integra por componentes fortuitos. Neste percurso, a metodologia utilizada pelos micro-historiadores (Cf. GINZBURG, 2002) possibilita seguir à exaustão o rastro inicialmente fixado, investigar sobre lacunas, encontrar a prova e lidar com elementos incontrolados, entre eles, as novelas *Drei Bagatellen*, as quais revelam um escritor oculto pela história da literatura brasileira e, muito possivelmente, até pela história da literatura alemã. Daí a relevância de reunir, acondicionar, arquivar, classificar, catalogar, informatizar e divulgar fragmentos esquecidos de uma biografia pouco ou talvez nunca conhecida fora do âmbito regional.

A presente investigação assim se oferece a público como uma história literária voltada de forma microscópica à tradução d'*As minas de prata*, e involuntariamente responsável por desvendar a edição alemã d'*As três bagatelas* de Philipp. Ao reverter a percepção dos documentos de ordem biográfica e jornalística, esta pesquisa micro-histórica auxilia a reabilitar a biografia e os rodapés dos jornais ao campo da literatura, sem que isso signifique restringir-se à explicação das obras literárias nem pelo ângulo biográfico-psicológico de caráter determinista ou evolucionista nem pelo

impressionismo crítico. Do contrário, a análise de uma trajetória biográfica viabiliza cenário mais amplo, no qual pessoas, textos e fragmentos de frases anteriormente citados convertem detalhes em saberes nada desprezíveis para o trabalho intelectual. Encontramos neles algumas das informações buscadas e outras, as quais poderiam passar em branco caso a investigação se automatizasse ao desconsiderar documentos que, julgados como de exclusiva pertença aos domínios da ciência histórica, talvez nunca viessem a se transformar em itens de um acervo literário, muito menos, em proveitosos subsídios para a micro-história literária que acabamos de contar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKER, Klaus. Arno Philipp e Júlio de Castilhos. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 27 mar. 1959. (ALAPH 03c002-1959).

_____. *Arno Philipp zum Gedächtnis. Deutsche Nachrichten*, Porto Alegre, 06 nov. 1955. (ALAPH 03d003-1955).

_____. Centenário de Arno Philipp. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 11 jan. 1970. (ALAPH 03c003-70).

_____. *Hundertsten: Geburtstag von Arno Philipp. Brasil-Post*, Porto Alegre, 14 fev. 1970. (ALAPH 03d008-1970).

_____.s. Ten. Cel. Arno Philipp. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 19 nov. 1955. (ALAPH 03c001-1955).

BORDINI, Maria da Glória. Manual de organização do Acervo Literário de Erico Verissimo. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, jan. 1995.

CECCHETTO, Fabio. Provocação para um resgate na construção das relações literárias Brasil/Alemanha. *Graphos*, João Pessoa, v. 13, n. 1, p. 29-38, jun. 2011.

COLLA, Fernando. Autores argentinos na Coleção Archivos. In: MIRANDA, Wander Mello; SOUZA, Eneida Maria de (org.). *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê, 2003. p. 55-64.

FONSECA, Maria Augusta. Vertentes e processos da criação literária. In: MIRANDA, Wander Mello; SOUZA, Eneida Maria de (org.). *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê, 2003. p. 93-102.

GERTZ, René. *O aviador e o carroceiro*: política, etnia e religião no Rio Grande do Sul dos Anos 1920. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros*. Trad. de Rosa Freire d’Aguiaire Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *Mitos, emblemas, sinais*. Trad. de Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *Relações de força*: história, retórica, prova. Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KÜPPER, Klaus. *Bibliographie der Brasilianischen Literatur. Prosa, Lyrik, Essay und Drama in Deutscher Übersetzung*. Köln: Klaus Küpper; Frankfurt am Main, TFM, 2012.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A leitura rarefeita*: leitura e livro no Brasil. São Paulo: Ática, 2002.

LEITZKE, Eugen. Cinquentenário da Morte de Arno Philipp. *A Notícia Ilustrada*, Panambi (RS), 3 nov. 1980. (ALAPH 03c005-1980).

MIRANDA, Wander Mello; SOUZA, Eneida Maria de (Org). *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê, 2003.

PIAIA, Miquela; MITIDIARI, André Luis. *Catálogo do Acervo Literário Arno Philipp (ALAPH)*. Frederico Westphalen (RS): EdURI, 2011. Disponível em: <<http://www.fw.uri.br/site/posgraduacao/mestrado/106/publicacoes/catalogoliterario.pdf>>.

_____. Para alemão ler: Alencar e Taunay por Arno Philipp. *Fronteiraz (São Paulo)*, v. 10, p. 259-279, 2013. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/viewFile/14453/11797>>. Acesso em: 18 abr. 2014.

SCHWAMBORN, Ingrid. *O guarani era um tupi?* Sobre os romances indianistas de José de Alencar. Fortaleza: Editora da Universidade Federal do Ceará, 1987.

_____. *A recepção dos romances indianistas de José de Alencar*. Fortaleza: Editora da Universidade Federal do Ceará; Casa de José de Alencar, 1990.

SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

_____. *Tempo de pós-crítica*. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007.

TAUNAY, Alfredo D'Escagnolle (Visconde de). *Questões de imigração*. Rio de Janeiro: Leuzinger, 1889.

Data de recebimento: 15 mar. 2014

Data de aprovação: 30 maio 2014